

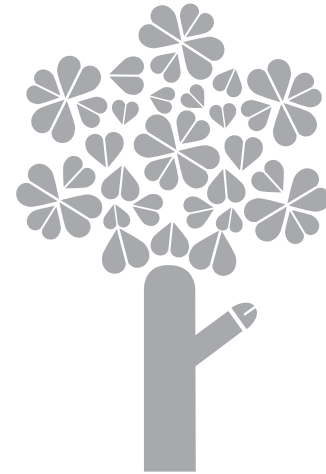


Aventuras Galantes

Aventuras Galantes



por
« R A B E L A I S »
[pseud. de Alfredo Gallis]



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

ESTE VOLUME BASEOU-SE NAS SEGUINTE EDIÇÕES:

- «*Diabruras de Cupido — Contos Galantes*, Rabelais, Lisboa» (informação do frontispício)
- «*Volupias — 14 Contos Galantes*, Rabelais, “Vinde oh pombas innocentes,/ Rouxinoes e colibris/ Decorar meus contos feitos/ Num quarto de hora feliz.”, 3.ª edição revista pelo auctor, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, Porto» (informação da capa)

Desconhece-se o editor e o ano de publicação (fim do século XIX) de ambas as edições. Respeitou-se integralmente o texto e as imagens, apenas se actualizando a ortografia e alguma pontuação.

© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Aventuras Galantes*
Autor: Rabelais (pseud. de Alfredo Gallis)
Coordenador da colecção: António Ventura
Posfácio: António Ventura
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2011
ISBN: 978-989-671-107-8
Depósito Legal n.º 335335/11

ÍNDICE




<i>Deliciosa</i>	9
<i>Uma Aventura a Bordo</i>	31
<i>O Divino Esposo</i>	59
<i>Noite de Núpcias</i>	71
<i>Em Flagrante</i>	83
<i>A Primeira Noite Feliz</i>	99
<i>Ligurino</i>	121
<i>Entre Roseiras</i>	131
<i>Susana</i>	147

Posfácio
«*Rabelais*», isto é,
Alfredo Gallis, o pornógrafo
167



Deliciosa

uito elegante, muito bem-posta, muito grave e séria, sempre acompanhada pela filha, uma graciosa pequenita de quatro anos, essa mulher aparecia invariavelmente nas ruas da Baixa, no Chiado e na Avenida às horas próprias do flanismo.

Era também assídua frequentadora dos circos e teatros, onde dava nas vistas pelo complicado espanto das suas *toilettes* mirabolantes, dos seus chapéus atrevidos, das suas capas de gosto e do seu todo decidido e petulante próprio da mulher que, tendo ambições, não se deixou vencer funestamente entre as quatro paredes frias e nuas de um lar pobre e humilde, enquanto outras menos jovens, menos belas, menos requestadas e atraentes, lançando as convenções sociais para detrás dos moinhos, gozavam a vida, colhendo-lhe esse único juro que dela se pode tirar quando a

mais estrita filosofia preside à determinação dos nossos actos.

O marido, um linfático e um raquítico, verdadeiro epigrama de homem, que tanto podia ser um devasso como um desgraçado, raras vezes a acompanhava, e tanto ela se lançara na vida do *demi monde*, tanto se adaptara aos costumes do *coquettismo* de certa esfera, que, apesar de toda a gente saber que ela era casada, ninguém pensava em tal coisa, sendo talvez ela a primeira a esquecer-se...

Se me perguntassem se essa mulher era bonita ou feia, declaro-lhes que me encontraria em graves embaraços para dar uma resposta rápida, definitiva e precisa.

Não era formosa, mas também não era feia.

«Então em que ficamos?», dirá por certo o leitor.

Tentarei explicar-me e fazer-me compreender. Não era formosa, porque lhe faltavam esses traços excepcionais que constituem a formosura das mulheres; e não era feia, porque o brilho diamantino dos seus grandes olhos negros, profundos e excitantes, e o vermelho carmim dos seus lábios frescos e sensuais davam-lhe à fisionomia picante e sugestiva uma expressão singular que despertava interesse.

Era levemente morena a sua tez e abundantes e revoltos os opulentos cabelos, que ela enrolava com

uma deliciosa e voluptuosa negligência, na qual pairava uma pontinha de *coquetterie* muito expressiva. De mediana estatura, mais alta do que baixa, era franzina de formas, magra mesmo.

Dava nas vistas a maneira aprimorada como ela se calçava. Sempre meias de seda e sapatos ou botinhas da mais fina qualidade e do mais elegante e bonito talhe.

Contavam os que de perto a conheciam que as suas ligas eram verdadeiros *bijoux* de rendas e combinações de cores, e que as camisas que usava se singularizavam pela arrojada fantasia que expressavam.

Uns depreciavam-na dizendo que ela não era merecedora de que lhe rendessem culto. Outros elogiavam-na afirmando que ela era uma histérica dotada de um temperamento de fogo, que se interessava excessivamente pelas lutas de Vénus e que possuía segredos quase maravilhosos para elevar às regiões de inenarráveis gozos as mais insensíveis e cristalizadas decadências, gastas no abuso dos prazeres da deusa.

Aos primeiros respondia ela triunfantemente com as suas *toilettes* de preço, as suas jóias, os seus chapéus, as carruagens em que andava e toda essa bagagem de luxo que custa sempre muito caro e exige elevados réditos para se poder manter.

Eu fui sempre da opinião dos segundos.

Realmente aquela mulher estava longe de possuir a formosura fisionômica de Ninon de Lenclos ou a beleza plástica de Friné e da Lais, gregas que à história passaram como exemplares irrepreensíveis da plástica feminina.

Mas... achava-lhe um não sei quê, um *tic*, uma nota irritante e expressiva que me mordida a carne como um estilete de fogo, pois me segredava que aquela mulher devia possuir verdadeiros tesouros de volúpia quando a ardência do seu temperamento, expressa no seu olhar quente e singular, a levasse a interessar-se pelo homem que a possuísse.

Era talvez magra em excesso para a minha predileção pelas formas da mulher, mas alguém me havia afirmado que ela, como quase todas as magras, possuía uma notável opulência nos torneados das sempre excitantes colunas que sustentavam o seu busto gentil, que os seios eram dois primores de terciéz, de rijeza, de escultura e de sedução nos rosados e pequeninos morangos que os mordiam no centro, que os braços roliços e bem feitos eram duma macieza veludínea e que a frontaria do pórtico do amor se encontrava abundantemente forrada de uma negra relva, lustrosa e espessa, que se emaranhava em deliciosos caracoli-nhos, tapetando todas as margens da gruta de Calipso, indo perder-se entre um vale misterioso até uma furna

mais misteriosa ainda, onde também capitosos e excessivos prazeres demoravam em silêncio, constituindo um dos mais estimados gozos da elegante pecadora.

E, depois, era artista de gosto e cuidava do seu corpo com o mais requintado escrúpulo.

Toda ela rescendia aromas, e mais agradável era beijar-lhe os pezinhos macios e perfumados do que muitos lábios de outras mulheres pouco cuidadosas ou sofrendo qualquer dessas míseras enfermidades que alteram o hálito ou estragam os dentes. Cleópatra, assim se chamava no mundo dos amores fáceis a protagonista da nossa história, era no capítulo asseio o que se considera uma mulher impecável.

Levava mesmo esses cuidados até ao excesso de nunca se deitar sem banhar em água aromatizada os seus mimosos pezinhos, e todas as manhãs, apenas saía do leito, tomava um banho tépido, unguindo depois as carnes com pomada de amêndoas e leite, o que lhe dava uma frescura deliciosa. Pena era que, apesar de tantos extremos com a sua pessoa, Cleópatra apresentasse no rosto evidentes estigmas de cansaço e de abatimento.

Notando isso a alguém, homem distinto que a conhecia de perto, esse homem respondeu-me:

— Não te admire. Aquela mulher é dum temperamento ardentíssimo. Embora seja *cocotte*, para

adquirir aquele luxo em que anda e que foi sempre a sua mania, não pode deixar de interessar-se nas relações que mantém com os seus clientes, e se mais vezes a não procuro é porque fico extenuado quando ela se entusiasma e expande em todo o ardor do seu histerismo ninfomaniaco.

É mulher para passar três horas a gozar com homem que a saiba comprazer em todos os seus desejos. A última vez que fui a casa dela confessou-me que dez vezes sacrificara a Vénus! Tem caprichos e inspirações extraordinárias. Eis porque no rosto lhe notas sintomas de cansaço e abatimento.

Depois destas informações, ninguém estranhará por certo que a minha curiosidade em conhecer a gentil pecadora triplicasse.



É da mais flagrante verdade o velho prolóquio que diz — há mais marés que marinheiros.

Para me aproximar de Cleópatra, essa maré chegou uma noite no Coliseu dos Recreios, em récita da moda.

Trabalhava a companhia equestre, e a gentil mulher veio sentar-se numa cadeira vaga que existia junto à minha. A pequenita ria-se muito com as jocosidades

dos *clowns* e eu acariciava a criança, e o rifão popular diz: Quem meus filhos beija, minha boca adoça.

— É muito má — disse-me ela, sorrindo.

— Não o creio, tendo uma mãe tão formosa e simpática.

Conheci que a amabilidade lhe fora agradável, porque me fitou de certa maneira bastante significativa.

Fiz-lhe a corte por simples primor de bom gosto, pois demais sabia que para a possuir bastava avisar uma conhecida intermediária de amores fáceis. Creio que ela gostou desta forma galante e fina de a requestar, porque toda a noite conversou comigo, combinando-se que no dia seguinte às duas horas da tarde me esperava em sua casa.

À saída ofereci-lhe um trem, que ela me agradeceu penhoradíssima, dizendo-me:

— Espero que não faltará.

— Serei pontual.



Duas da tarde em ponto e eu a bater à porta de Cleópatra, num modesto segundo andar ali para as bandas da praça do Príncipe Real.

Foi ela quem me veio abrir a porta, fazendo-me entrar para um pequenino gabinete modestamente

mobilado, mas de muito gosto e fina ornamentação artística.

— Já vejo que é homem de palavra — disse, sentando-se a meu lado e deixando a descoberto os seus elegantes embora não muito pequenos pés, calçados em sapatos de cetim branco e meias de seda negras bordadas.

Vestia uma elegante *robe* de flanela azul com rendas cremes, e os cabelos negros e lustrosos formavam-lhe uma trança em forma de juba, que emoldurava sugestivamente o seu rosto insinuante duma evidente expressão fisionómica da raça italiana, de que descendia.

— Sabe? — disse-lhe, pegando-lhe nas mãos muito macias e perfumadas. — Já há muito tempo que desejava estar consigo.

— Sim! Porquê?

— Porque a acho muito formosa e elegante.

— Sou tão magrinha.

— Oh, mas é muito bem-feita!

— Sim, não sou desastrada de todo.

— Diga antes que é muito sedutora.

— Não esteja a troçar comigo.

— Falo sério. — E enlaçando-lhe a cintura com o braço esquerdo procurei com a mão direita colher-lhe os seios.

— Naturalmente não gosta, são tão pequeninos.

— Mas são deliciosos, dois verdadeiros encantos, dois frutos de Vénus como raros tenho encontrado assim. Certamente que não amamentou a sua filha.

— Não, faltou-me o leite.

— Todo?...

— Seu mau... O da amamentação. O outro sobra-me...

— Deixe-me cobrir de beijos essas jóias deliciosas.

Ela desabotoou a *robe*.

Realmente eu não exagerara.

Cleópatra tinha uns seios pequeninos mas encantadores, rijos, macios, tersos, direitos, que pareciam querer saltar para a cara da gente. Seios verdadeiramente esculturais, como se fossem talhados em mármore, terminando nuns deliciosos bicos muito tesos e rosados, que desafiavam todos os apetites.

Entre os lábios tomei esses gráceis encantos e suguei-os com a mais artística e suave subtileza.

Ela apertara-me o busto e respirando forte murmurava:

— Ai, amor, que prazer que sinto.

Então a minha mão, passando por de sob as suas roupas e por entre as mais macias e aveludadas coxas que é dado fantasiar e que ela entreabria, procurou

aquele cálix do amor que sempre transborda quando a sua possuidora é de sensível temperamento.

Efectivamente o de Cleópatra tinha transbordado...

— Ai, filho — exclamou ela, — vem comigo que eu não posso mais...

Cobri-lhe de beijos os lábios ardentes e vermelhos, e segui-a à sua alcova, muito elegante e confortável.

— Põe-te à vontade — disse ela, despindo a *robe* e ficando com uma curta camisinha de seda cor-de-rosa com rendas pretas.

Era uma falsa magra, porque as suas pernas muito direitas e bem esculpidas tinham um torneado e uma grossura bastante notáveis para o seu todo franzino e débil.

— És linda! — exclamei eu, já como Adão antes do pecado, e arranquei-lhe a camisa, frágil estorvo à representação da cena que íamos representar.

Estreitamente abraçados, rolamos sobre o leito e os meus beijos ardentes cobriam como uma saraivada de desejos as carnes macias e perfumadas da gentil mundana.

Sem sabermos como, eu encontrei-me a oscular-lhe com paixão a quente e prodigamente húmida gruta dos amores, ao passo que ela de igual maneira se apropriava da seta de Cupido, chupando-a com uma arte, uma delicadeza, um primor e umas titilações tão

especiais e puríssimas, que num momento eu atingi o supremo gozo, gozo extraordinário, indescritível, único, ao passo que recebia nos meus lábios uma verdadeira onda de creme voluptuoso daquela deusa do pecado.

— Ai, filho, que fomos ao mesmo tempo! — disse ela, radiosa, e baixando a voz disse-me:

— Agora deita-te, que quero gozar muito contigo.

— Farei o que dizes, meu amor, mais deixa-me antes contemplar a elegância das tuas meias tão lindas e o bom gosto das tuas ligas luxuosas.

— Ah, deixa estar que da mesma maneira serão satisfeitos os teus desejos. — E Cleópatra obrigou-me a tomar uma horizontalidade absoluta.

Então acocorou-se sobre mim, e muito subtilmente a seta de Cupido apenas tocou ao de leve na corola vermelha e tépida da deliciosa flor de Vénus.

É indescritível a sensação que aquele contacto me produziu. Demais patente à minha vista estava todo o excitante corpo de Cleópatra, e os seus rígidos seios com os rosados mamilos hirtos pareciam querer saltar-me aos lábios numa prece de beijos e carícias.

Contemplara com êxtase os seus joelhos polpudos cobertos pela fina malha de seda das meias elegantes e as espectaculosas ligas de seda cor de fogo esticadas a meio da coxa pálida, duma macieza deliciosa.

Carregando um pouco mais, nova sensação recebi ao penetrar as sensuais mucosas, onde a temperatura era um pouco mais elevada.

— Gostas? — exclamou ela, deixando perceber nos olhos o prazer que estava sentindo.

— Ah!, é delicioso.

— E agora?

E deixando-se descair cravou-se completamente, para logo em seguida volver à primitiva posição.

Eu nadava num verdadeiro mar de delícias. E ela, respirando fortemente, em pouco tempo atingiu o momento solene, mas tendo apenas dentro do seu cálix do amor menos dum terço do instrumento das delícias.

— Sentes, filho? — disse, deixando-se cair sobre o meu busto e comprimindo no meu peito os seus lindos seios de Vénus vitoriosa.

— Sinto, meu amor!

Efectivamente, do organismo ardentíssimo daquela mulher sensual escapara-se uma abundante torrente da seiva do gozo que me inundara todas as regiões adstritas.

E ela, vendo que eu ainda não atingira a meta do prazer, segredou-me:

— Deixa-te estar assim, filho, que quero gozar outra vez.

E repetiu aquele voluptuoso e excitante exercício com a mesma arte que usara da primeira vez.

Quando percebeu que eu estava no auge do prazer, cravou-se completamente, murmurando:

— Ai filho, dá-mo todo, todo, meu amor, no mais fundo do c... — E proferiu uma obscenidade que me entusiasmou.

Nunca gozei tanto como naquele momento!

Cleópatra, porém, excitada, deitou-se a meu lado e, vendo que a arma do prazer ainda não perdera a sua tèmpera, exclamou:

— Anda, meu anjo, que eu estou ardendo em muitos desejos.

Que remédio senão obedecer!

Senti-me então enlaçado nos seus braços veludíneos, e as suas flexíveis pernas traçaram-se e cruzaram-se sobre o meu busto. O espelho colocado ao lado do leito reproduzia o nosso grupo, e nele via os seus elegantes pés calçados nos tentadores sapatinhos de cetim branco de salto alto, e os movimentos compassados e voluptuosos das suas nádegas roliças e esculturais.

— Beija-me muito os *moranguinhos* — disse-me ela, com os formosos cabelos revoltos e desgrenhados na alvura imaculada do travesseiro.

E ao passo que ela e eu gozávamos, ia-lhe sugando esses *moranguinhos*, que eram uma verdadeira delícia tentadora.

E ouvia-lhe frases amorosas e lúbricas que expressavam todas as gradações de gozo que ela estava sentindo, e essas frases eram como que um afrodisíaco que me dava alento e força.

— Agora, meu amor — exclamou num grito. — Dá-me a tua essência, meu filho! Ai como eu a sinto correr em mim!!

E quase sem vida, como duas massas inertes, ficamos assim longo tempo abraçados, com os rostos unidos, absorvendo as últimas sensações nervosas desse prazer sem nome.

Quando por assim dizer tornámos à vida ressuscitados daquele letargo, eu encarei-a e, confiando-lhe os formosos cabelos, disse-lhe:

— Sabes, Cleópatra? Nunca gozei tanto na minha vida.

— E gostarás sempre de mim? — perguntou-me ela.

— Certamente. És um encanto.

E depois de alguns momentos de pausa perguntei-lhe:

— Diz-me: queres cear no domingo em minha casa?

— És só?

— Não, mas tenho uma pequenita casinha muito confortável, onde te posso receber à vontade e onde gostaria que fosses.

— O ninho das tuas aventuras, não é verdade?

— Foi, foi... Porque se for do teu agrado não terei mais aventuras além da tua pessoa.

— Falas sério?

— Falo.

— Então conta comigo.

Pronto a sair, puxei da carteira para lhe deixar a prova do meu cavalheirismo.

Ela percebeu-me a intenção e, segurando-me nas mãos, disse-me:

— Não me deixes dinheiro, que me ofendes. Tu és diferente dos outros. Manda-me uma flor e ficarei satisfeita.

Admirado por aquele rasgo de generosidade numa mulher que se desonesta mercenariamente, abracei-a e, beijando-a, disse-lhe:

— Terás a flor que desejas.

— Quando vens cá?

— Quando tu queiras.

— Olha, vem no sábado, para combinarmos a ceia de domingo.

— Pois, sim.

— Adeus, meu querido.



Uma hora depois Cleópatra recebia uma flor. Era um broche de ouro mate representando um malmequer, tendo ao centro uma pérola lindíssima.



Quando o trem parou à porta do meu *coté*, depois de termos dado um grande passeio pela estrada da circunvalação, eram onze horas da noite.

Cleópatra ficou maravilhada à vista dessa boceta galante, composta apenas de cinco compartimentos mas na qual eu reunira a arte e o bom gosto em toda a sua decoração.

A mesa estava posta.

Uma ceia delicada e escolhida, *foie gras*, frangão assado, fiambre, vitela, *mayonnaise*, morangos gelados, alperces e ginjas, vinho de *Bordeaux*, *Champagne* e Madeira, doces, frutas cristalizadas, licores e café.

Tudo servido em lindíssimas porcelanas de Sèvres, que comprei durante três anos em repetidas frequências de todos os *bric-à-bracs* da capital, cristais antiqüíssimos da Boémia e de Veneza, pratas de belo trabalho de cinzel, o meu mais querido tesouro, enfim, de amator destas coisas belas.

Dei força à torneira do gás e os oito lumes do lustre esquisito e encantador arrancaram faíscas multicores

a todos aqueles vidros, porcelanas e pratas, irreprensivelmente limpos.

— Ah!, mas isto é lindo! — exclamou ela, entrando na alcova onde se ostentava um leito de ébano, estilo Henrique II, coberto por uma linda colcha de seda escarlate.

Ao lado do leito estava uma mesa sobre a qual se via um açafate de verga dourada contendo uma roseira artificial admiravelmente bem-feita, presente de minha sobrinha Clotilde no dia de meus anos.



Fazia um calor senegaliano.

Cleópatra despiu-se completamente, ficando apenas em meias de seda de cor de malva e botinhas de pelica de lustro, de salto à Luís XV.

Eu fiz o mesmo, e assim fomos para a mesa.

— Ah!, filho, não seria melhor antes de comer-mos... — observou ela.

— Faremos uma cousa e outra ao mesmo tempo. Uma ceia não é um jantar.

— Tens razão. — E Cleópatra atacou a *mayonnaise*.

Quando chegámos aos morangos é que principiou a volúpia.

Eu mergulhei-lhe na taça os rosados biquinhos dos seios erécteis e chupei-lhos depois com o mais subido encanto.

Não querendo ficar ociosa, ela apoderou-se do es-pargo do amor e, entusiasmada, chupara-lhe com in-crível arte a rubicunda e macia extremidade.

— Pára, filha, senão...

Em seguida, abraçámo-nos e os nossos beijos esvoaçaram ardentes e apaixonados pelos nossos corpos.

— Ah!, meu querido, eu já não posso mais — disse-me ela, cavalgando-me na perna direita, tendo previamente entreaberto as mimosas pétalas da sua rosa de Vénus.

Estreitou-me nos braços, uniu o ventre ao deus do prazer, meteu-me na boca a sua língua perfumada e fresca, e assim deu começo a um movimento de fricção tão excitante e artístico, que em breve a senti desfalecer de gozo.

Quando se refez daquele abalo genésico, disse-lhe:

— Tomamos o café depois... não te parece?

— Sim, meu amor, depois, que eu agora quero gozar muito. — E levantou-se, deixando-me a perna toda rociada do creme dos seus prazeres.

Fomos para a alcova e ali ela, descalçando-se, sentou-se petulantemente na mesinha e, fazendo menção de cheirar uma das rosas, disse-me:

— Gostas assim, meu querido?

— Gosto, sim. És tão linda!

— Então beija-me muito os meus pezinhos e per-ninhas, sim? Gozo tanto com esses beijinhos dados por ti...

O corpo de Cleópatra rescendia todo ele os mais deliciosos aromas, tal qual como a história conta que sucedia ao da célebre Cleópatra egípcia, a sensacional rainha amante do apaixonado Marco António.

Estojá-lo num escrínio de beijos e carícias era pra-zer inefável, sem que a sombra da mais leve repug-nância pudesse empanar esse prazer.

Sem relutância alguma, satisfiz-lhe o seu desejo, os meus beijos esvoaçaram como leves mariposas na-quelas carnes cetinosas e perfumadas, donde se evo-lavam os mais subtis perfumes.

Estirada no leito, de bruços, percorri-lhe num bei-jo único, extraordinário, ultravolúpico, a sua espinha dorsal desde a nuca até ao cóccix.

Ela agitava-se e contraía-se como se estivesse rece-bendo o choque duma corrente eléctrica.

Não sei porquê, talvez efeitos do *champagne*, passou-me pela cabeça um capricho extraordinário e exótico.

Tentou-me aquela outra gruta tão próxima da de Vénus e, como ela, encoberta entre as mais belas e

abundantes florescências capilares, e nesse sentido comecei a afagar-lhas duma maneira sugestiva.

— Queres? — disse-me, sorrindo sem olhar para mim.

— Sim, meu amorzinho.

— Então espera.

E, levantando-se, correu ao *toilette*, apoderou-se da sua caixinha de prata, onde trazia sempre o *cold-cream* para o rosto, e lubrificou artisticamente, não só a lança de Cupido, como também a seteira reservada do seu castelo do amor.

Depois, de bruços, penetrei-a com a maior delicadeza e suavidade.

— Ai que rico gosto! — gemeu ela, ébria de prazer, e a sua mãozinha de duquesa, recamada de anéis luxuosos, titilava célere o hirto botão do gozo, enquanto eu auferia delícias indescritíveis.

Gozava tanto assim, dava-lhe tanto prazer aquele exercício, que determinou o incêndio de Sodoma, que duas vezes quase a seguir se esvaiu no delírio espasmódico, até que eu, não podendo mais, lhe lancei uma verdadeira irrigação sensual, que ela saudou com frases lúbricas duma delicada e fina obscenidade.

Cleópatra obedecera ao sensualismo atávico da sua raça italiana.

Demais... tinha um cardeal na sua árvore genealógica, como depois me contou ao café.

Era, pois, fatal aquele desenlace...



Posfácio

«*Rabelais*», isto é,
Alfredo Gallis, o pornógrafo

José Agostinho, prolífero autor de inícios do século xx, publicava em 1915 o livro *História da República (Noites do Avozinho)*. Sob a forma de um diálogo entre avô e neto, procurava demonstrar os malefícios do novo regime nos mais diversos campos. Percorrendo a época revolucionária, referia que, a 24 de Novembro de 1910 «se finou o publicista Alfredo Gallis, literato que seria muito mais estimável se não se tivesse manchado em várias obras pornográficas, embora deixando alguns romances de observação profunda, por infelicidade, excessivamente crus na essência e na forma»*.

Nos finais do século xix, sucederam-se as publicações de cariz licencioso, com uma intensidade sugestiva diversa. Surgiram assim obras publicadas por editoras

* José Agostinho, *História da República (Noites do Avozinho)*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1915, p. 24.

conhecidas, utilizando uma linguagem relativamente eufemística, a par de outras mais explícitas, ainda que cautelosas, evoluindo para produções, clandestinas, de cariz assumidamente pornográfico. Neste último caso, os autores protegiam-se da censura pública utilizando pseudónimos diversos, o que também podia suceder, como foi o caso de Cândido de Figueiredo, em escritores de obras mais suaves, mas nem por isso menos sugestivas e potenciadoras da imaginação do leitor. O mais prolífero de todos os autores dessa época foi um tal «Rabelais», vulgarmente confundido, nos catálogos das bibliotecas, com o reputado escritor francês do século xvi. Não se trata, porém, da recuperação de obras esquecidas de François Rabelais Chinon. Estamos perante um português que usou aquele pseudónimo três séculos depois. Trata-se de Joaquim Alfredo Gallis, o autor que mais popularidade granjeou na transição da centúria de oitocentos para a seguinte, com uma larga projecção no Brasil*. Gallis nasceu em Lisboa em 1859 e morreu a 24 de Novembro de 1910. Foi administrador do concelho do Barreiro desde 1 de Fevereiro de 1901, lugar que ocupou até 1905, embora com uma escassa presença física naquela localidade, preferindo delegar no seu secretário.

* Sobre a projecção da literatura erótica e pornográfica portuguesa no Brasil, veja-se Alessandra El Far e a sua tese de doutoramento em Antropologia Social, depois publicada com o título *A Literatura Pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*, S. Paulo, 2004.

Escritor e jornalista, exerceu o cargo de escrivão da Corporação dos Pilotos da Barra de Lisboa, onde conheceu o rei D. Carlos, com quem mantinha boas relações. Era secretário do governador civil de Lisboa quando ocorreu a mudança de regime, em 1910. Estreou-se no jornal *Instituições*, de Eduardo Tavares, em 1879. Colaborou em *Tempo*, *Universal*, *Jornal do Comércio*, *Liberal*, *Ecoss da Avenida* e *Diário Popular*, onde tinha a seu cargo a secção «24 horas», que assinava com o pseudónimo de «Anthony». Escreveu os dois volumes que serviram de complemento à *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, com o título *Um Reinado Trágico*, datados de 1908 e 1909. Curiosamente, o primeiro volume não apresenta o nome do autor, que é substituído por dois asteriscos, mas no segundo já surge o nome de Alfredo Gallis. Em 1883 tinha publicado *Sinopse dos Homens Célebres de Portugal desde a Fundação da Monarquia*, e em 1903 deu à estampa um pequeno opúsculo sobre Fialho de Almeida. Muito dentro do espírito da época, procurou estudar as causas da decadência de Portugal e do povo português, o que expôs no livro *Os Selvagens do Ocidente* (1890). Num estilo incisivo, caracterizava o «País dos Papa-moscas» e denunciava os vícios do Estado e do povo, sem esquecer a censura aos maus costumes, nomeadamente à prostituição: «de tempos a tempos, saracoteando-se toda, *toilette* escandalosa e chapéu enorme, vagueia, disparando

sorrisos aos fregueses, uma prostituta da baixa, acreditada nas mais repugnantes práticas prostibulares»*. No livro *A Burla do Constitucionalismo* (1905) tece duríssimas críticas à situação portuguesa e aos vícios que corrompiam sociedade lusa, apresentando diversas sugestões para a sua moralização, nomeadamente a redução de tabernas, consideradas fonte de todos — ou quase todos — os males nacionais. Em *Cartas de Um Japonês (de Lisboa para Tóquio)*. *Crítica dum Oriental acerca do Nosso País* (1907), Gallis observa Portugal através dos olhos de um hipotético japonês, Katisako Aragwisa, fazendo recordar Montesquieu e as *Cartas Persas*. O oriental, que manteve uma correspondência regular com amigos no Japão, nas quais conta as suas aventuras e desventuras em terras lusitanas, depois de ter tido uma relação amorosa com uma portuguesa, partiu, levando consigo, entre outras recordações, as meias de seda e as ligas douradas que ela usara no jantar de despedida. Apesar de esta obra ser muito curiosa pelas anotações sobre Lisboa e o seu quotidiano, já inclui alguns elementos relacionados com o fundamental dos escritos de Alfredo Gallis. É que ele tornou-se muito popular através de obras que obtiveram enorme êxito pelo ineditismo e realismo dos temas abordados, quase sempre com um pendor erótico e sexual,

* Alfredo Gallis, *Os Selvagens do Ocidente*, Lisboa, Empresa de Lucas Evangelista Torres, 1890, p. 142.

por vezes em contextos históricos diversificados no tempo: *Amor ou Farda. Romance contra o Militarismo* (1907); *Helena Lourenço (o Preço da Virgindade)*; *A Amante de Jesus* (1893); *As Doze Mulheres de Adão* (1901); *O Chiado Lisboa no Século XX* (1911); *A Baixa. Lisboa no Século XX (a Grande Aldeia)* (1910); *O Que os Noivos não Devem Ignorar* (c. 1900); *O Marido Virgem. Patologia do Amor* (1900); *O Senhor Ganimedes* (1906); *O Abortador. Romance Filosófico contra a Propagação da Espécie* (1909); *As Mártires da Virgindade. Romance Patológico* (c. 1900); *A Devassidão de Pompeia* (1909); *A Luxúria Judaica* (1910); *O Sensualismo na Antiga Grécia* (1894); *O Que as Noivas Devem Saber. Livro de Filosofia Prática* (1910), com o pseudónimo de «Condessa de Til»; *Para Rir. Anedotas Galantes* (1909), com o pseudónimo de «Duquesa Laureana». Muitos destes livros tiveram sucessivas edições em várias editoras, até aos anos vinte do século passado.

Desta obra vasta de Alfredo Gallis, há que salientar os doze volumes do ciclo *Tuberculose Social*, iniciado com *Chibos* (1901), a que se seguiram *Os Predestinados*, *Mulheres Perdidas*, *Os Decadentes*, *Malucos*, *Os Políticos*, *Sáficas*, *A Taberna*, *Casas de Hóspedes*, *A Sacristia*, *Mulheres Honestas* e *Os Pelintras* (1904). Estes ciclos estavam muito em moda — basta recordar o seu contemporâneo Abel Botelho e o ciclo «Patologia Social», com o qual o autor

pretendia fazer um levantamento dos males que afectavam a sociedade portuguesa, iniciado em 1891 com o romance *O Barão de Lavos*, seguido de *O Livro de Alda* (1898), *Amanhã* (1901), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspera Fortuna* (1910), nos quais talvez Gallis se tenha inspirado. Mas, as obras mais ousadas eram assinadas com o pseudónimo «Rabelais»... Os títulos eram igualmente sugestivos: *Amorosas*; *Afrodisiacas*; *Lascivas*; *Libertinas*; *Lúbricas*; *Luxúrias para Rir*; *Noites de Vénus*; *Regras do Amor*; *Sensuais*; *Voluptuosidades Romanas*; *Diabruras de Cupido*; *Sensações Fortes*; *Cocotes e Conselheiros*... Desconhecemos as tiragens e a divulgação destes escritos, mas deviam ser muito significativas. Gallis assegurava colecções inteiras de pequenos folhetos que eram, certamente, aguardados com curiosidade e expectativa nos locais discretos onde se vendiam. Veja-se, por exemplo, a «Colecção Biblioteca Reservada. Leitura só para Homens», da editora Ilha dos Amores, com séries de 12 pequenos opúsculos ilustrados. Conhecemos 56 desses opúsculos, mas é natural que o nosso conhecimento peque por defeito... Outra colecção que «Rabelais» publicou entre 1906 e 1907 foi a série de folhetos intitulada *Os Serões do Convento*, integrada na Biblioteca Elegante. Gallis também utilizou os pseudónimos de «Kin-Fóo», «Ulisses» e «Barão Alfa».

Os contos que se reúnem no presente volume são provenientes de dois livros de «Rabelais»: *Diabruras de*

Cupido e Volúpias — 14 Contos Galantes. Constituem uma pequena amostra da produção de Alfredo Gallis, mas simultaneamente são ilustrativos da sua extrema versatilidade, escrevendo desde textos relativamente curtos, com meia dúzia de páginas, até grossos volumes. Não deixa de ser curioso que Brito Aranha, continuador do *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva, ao escrever o artigo sobre o polémico escritor, indica que «não é pequeno o número de suas publicações», mas confessa: «não as conheço»...*. E, apreciando os seus méritos, acrescentava: «O seu talento e facilidade com que escrevia acerca de diversos assuntos dar-lhe-iam outra fama e diversa consideração na república das letras, se desviasse as suas produções de certo feito de incorrecções e de abusos na linguagem condenáveis»**. Transcrevia também uma crítica, publicada no *Diário de Notícias* de 26 de Março de 1911, da autoria de Lourenço Caiola, onde se apreciava o livro *O Chiado*:

«Alfredo Gallis dispunha de uma individualidade própria e com mais alguma disciplina e ilustração poderia ter deixado um nome de destaque na literatura do seu tempo. Infelizmente a prodigalidade da sua produção e a vivacidade e crueza com que se comprazia em descrever

* Brito Aranha, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo XX, 12.º do Suplemento, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911, p. 141.

** *Idem*, p. 331.

as cenas mais escandalosas duma sociedade corrupta prejudicaram muito a sua obra. Vendo tudo sob o aspecto de um sensualismo exagerado, os tipos dos seus romances, traçados em geral com muita frieza, eram deformados pelos vícios mais repugnantes e a acção desses romances passava-se em geral nos meios mais depravados e desonestos (...). Com as faculdades de que dispunha Alfredo Gallis, ele poderia bem ter deixado páginas dignas de entrarem nas bibliotecas mais escolhidas, porque não escasseavam a esse escritor dotes de observação e faculdades de execução muito notáveis e que poucas vezes se reúnem com tanta riqueza. Infelizmente não sucedeu assim e por isso os seus livros formam parte de uma literatura especial, que só os que se comprazem em ver passar pela vista as pústulas mais repugnantes do vício e da devassidão podem apreciar e admirar»*.

Estas apreciações são outras tantas razões para a redescoberta de um autor hoje quase esquecido.

António Ventura



Aventuras Galantes foi impresso na Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, em papel Coral Book de setenta grammas, numa tiragem de 1500 exemplares, em Novembro de 2011.

* *Idem*, p. 332.

Colecção *Livros Licenciosos*:

- *Entre Lençóis — Episódios Inocentes para Educação e Recreio de Pessoas Casadoiras*, de Cândido de Figueiredo («Guilhermino»), seguido de *Proezas de Frade ou Mistérios do Confessionário*, de autor desconhecido.
- *O Pauzinho do Matrimónio — Almanaque Perpétuo*, de autor desconhecido, ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro.
- *O Vício em Lisboa — Antigo e Moderno*, de Fernando Schwalbach, seguido de *Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa em 1 de Dezembro de 1865*.
- *Aventuras Galantes*, colectânea de contos de «Rabelais» (pseud. de Alfredo Gallis).
- *Torre de Babel ou a Porra do Soriano*, de Guerra Junqueiro, seguido de *O Casamento Simulado*, de autor desconhecido.